

Instinto (*Instinkt*), pulsão (*Trieb*), objeto (*Objekt*): reflexões

*Roaldo Naumann Machado**, Porto Alegre

Procuro neste trabalho cotejar conceitos como os de instinto, pulsão e objeto com os de representação, real, imaginário e simbólico, objetividade e subjetividade, ideal do eu e eu ideal. Relaciono também tais conceitos com a experiência humana e animal. Para tanto me valho de autores da psicanálise como Sigmund Freud, André Green, David Maldivsky, Jacques Lacan, Melanie Klein, Donald Winnicott, René Spitz assim como autores da biologia e etologia como Lynn Margulis, Dorion Sagan, Ronald Fletcher, Konrad Lorenz, Niko Tinbergen. De meu ponto de vista a psicanálise tem se descuidado de conceitos e compreensões advindas destes últimos autores. Procuro, portanto, estabelecer um possível nexos entre a psicanálise e os mesmos.

Palavras-chave: instinto, pulsão, objeto, imaginário animal e humano, ideal do eu, registro do real, imaginário e simbólico, biologia, etologia.

* Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

[...] é difícil afastar a concepção de que uma espécie de saber dificilmente definível, algo como uma preparação à compreensão, também age na criança. Em que pode consistir isso é algo que escapa à imaginação; dispomos apenas de uma única e excelente analogia, aquela com o vasto saber instintivo (Instinktiv) dos animais... Esse elemento instintivo seria o âmago do inconsciente, uma primitiva atividade do espírito, que posteriormente é destronada e recoberta pela razão humana que se vem a adquirir, mas com muita frequência, talvez sempre, mantém a força para fazer baixar até si os processos anímicos mais elevados (Freud, 1918, p. 158-9).

É preciso levar em conta uma particularidade de determinadas funções biológicas do homem que devem incluir o outro em seu projeto: a sexualidade, Eros (Green, 2005, p. 68).

Isto põe em evidência que seu propósito (Freud) não consistiu em importar um conjunto íntegro de hipóteses, sim só em dispor daquelas que facilitassem e orientassem a própria argumentação (D. Maldavsky, 1997, p. 28).

Introdução

Os conceitos de instinto, pulsão e objeto navegam em obscuridades. Dependendo do ponto de vista apresentam significações as mais diversas. O objetivo deste trabalho constitui-se em uma revisão destes conceitos e a possível inserção fenomenológica dos mesmos não apenas no vivenciar humano, mas também no dos animais, reduzindo assim “o abismo excessivo que o orgulho humano de épocas anteriores abriu entre o homem e o animal” (Freud, 1939, p. 96).

Se ponderarmos as considerações de Freud (1926, 1940, 1930) sobre a

relação indiscutível constatada através do desenvolvimento das espécies e do fenômeno psíquico observável no homem, para citar apenas algumas de suas inúmeras referências, é imprescindível que examinemos com um pouco mais de atenção as proposições de biólogos e etologistas que se detiveram no exame do inato, do instintivo nos animais, sobretudo dos ditos animais superiores. Também consideramos que a problemática levantada com este estudo diz respeito à insuficiência de determinados conceitos que constatamos em psicanálise, muitos dos mesmos advindos de outras ciências, em particular do conceito de instinto (*Instinkt*). Sobre este é imprescindível que recorramos, como há pouco foi assinalado, à etologia.

A discussão recente de André Green (2005) sobre se a pulsão (*Trieb*) contém ou não o objeto talvez encontre um caminho algo mais esclarecedor se se considerar também o conceito de instinto (*Instinkt*) não apenas em Freud, mas em autores que se detiveram na compreensão e explicação do comportamento animal correlacionado com o humano. É possível que a afirmação de Green contida no trabalho em que me baseio, situando o objeto dentro do psíquico, tanto em nível inconsciente quanto consciente e, ao mesmo tempo, situando-o fora, em um espaço intersubjetivo, isto é, também no outro, contemple a suposição de que poderíamos também intuí-lo dentro da filogênese. Compreenda-se que no plano e registro do instinto (*Instinkt*), certamente acrescido das funções imaginárias típicas do humano que desembocam no registro do simbólico. Notamos, entretanto, nestes múltiplos lugares ocupados pelos objetos, diga-se de passagem, objetos estes os únicos acessíveis à observação através do sistema de representações, a interdependência necessária a tais posições. Portanto, de meu ponto de vista, o conceito de representação admite e exige também os mesmos três vértices constitutivos: o pulsional, o sensorial, em grande parte voltado para as sensações de prazer e desprazer e para as qualidades que emanam das percepções objetais, todos esses submetidos ao vértice organizador do instinto da espécie. Não é demais recordarmos o duplo valor do conceito de instinto diante do fenômeno vital como salienta Maldavsky (1986):

Diante da vivência, o instinto é um conjunto de esquemas; diante da pulsão, um conjunto de conteúdos, constituinte do núcleo do inconsciente [...], por exemplo, as fantasias primordiais são esquemas formais para as vivências e conteúdos para as pulsões (p. 95).

A tendência à formatação é aludida por Freud (1900) desde muito cedo em sua obra. Portanto, desta última perspectiva, ao oferecer à pulsão um conjunto de

conteúdos (vivências), certamente como *objetos* partícipes das mesmas, não sabemos exatamente de que maneira os mesmos podem ser ligados pelas pulsões para a constituição da fantasia. Talvez, e isto caminha pelo caminho hipotético, de uma forma que se acrescentem ao inato, algo como uma *Gestalt* específica e necessária, como propõe Freud em relação à fixação oral no peito materno (1940) e que, como veremos, desencadeará a *reação de sorriso* na criança humana (Spitz, 1965). Seriam as fantasias primordiais participantes desse saber prévio aludido por Freud (1918)? E nesse saber estariam decantados no id os objetos do vivenciar humano em desenvolvimento através da filogênese (Freud 1923)? É também neste sentido que pretendo desenvolver o presente trabalho.

Procurando estabelecer nexos que visam a uma maior compreensão

Partindo da própria biologia, Lynn Margulis e Dorion Sagan (1998) propõem que devemos ultrapassar a moderna biologia neodarwinista e considerar que “a fusão sexual imperativa nos animais leva-nos para fora de nós mesmos e instiga novas formas de organização social” (p. 89). Este imperativo para fora de nós mesmos não é gratuito e possui uma especificidade contingente. Pode ser examinado tanto do ponto de vista do conceito de pulsão (*Trieb*), do de instinto (*Instinkt*), como do de objeto (*Objekt*), cuja expressão mais acabada é a cultura. Na realidade qualquer fenômeno vital abarca tais conceitos indiscutivelmente associados. Se tal acontece, isso não nos impede que possamos usá-los para tentar uma maior compreensão sobre o fenômeno vital. Apenas, de uma forma mais ousada, talvez, dentro de tais fenômenos, pudéssemos vislumbrar o que se referiria ao conceito de instinto, sobretudo porque no inconsciente abriga-se uma forma de pensar, um saber prévio (Freud, 1918) que transcende o mero representar ontogenético (Freud, 1911). “Talvez estes esquemas, este saber pré-existente, possam equiparar-se a uma *Gestalt* na qual a pregnância não derive da imagem e sim das lógicas nas quais opera o processo anímico” (Maldavsky, 1986, p. 96). Poderíamos acrescentar que tais lógicas inatas, que necessitam constituir-se através do vivenciar, revelam-se prevalentemente através de uma *Gestalt* e que, em nosso cotidiano psicanalítico, temos passado muito desavisados de tais aspectos.

De acordo com o último autor citado, poderíamos descrever cinco critérios de ordenamento representacional que configurariam tal saber prévio da ordem instintiva. Não seria ocioso citá-las:

- 1) simultaneidade correspondente ao autoerotismo; 2) simultaneidade e

passividade correspondente ao surgimento do Eu prazer purificado; 3) simultaneidade e atividade correspondente ao Eu cinético; 4) analogia (complexo do semelhante) e causalidade (teorias sexuais infantis) correspondente ao surgimento do Eu real definitivo; 5) analogia (diferenças dos sexos) e causalidade (configuração de fantasias primordiais) correspondente ao tempo edípico (p. 97).

Ora, se inserimos tais lógicas sucessivas do desenvolvimento na predeterminação do fenômeno vital humano, certamente nos conduzimos ao que foi denominado registro do instinto. Portanto, dentro do pensamento de Maldavsky (1986), podemos atribuir uma origem necessária não apenas às lógicas ordenadoras das representações, como foi citado acima, e sim também ao próprio vivenciar que seria promovido por uma necessidade psíquica instintiva filogenética, diga-se de passagem, típica da sexualidade em dois tempos da espécie humana (Freud, 1926). Que a memória humana dependa destes princípios ordenadores sabemos desde a *Carta 52*, de Freud a Fliess (1950a).

Apesar de não me constituir num especialista em biologia nem em etologia, fiquei motivado a refletir a respeito e tentar traduzir tais reflexões em palavras escritas. Atraído por pistas químicas específicas, o macho ou fêmea de qualquer espécie percebe de uma forma *programada* algumas fêmeas ou machos de sua espécie (não de outras) como sensuais (Margulis & Sagan, 1998). Trata-se, segundo os biólogos, de um fenômeno instintivo e estético, portanto imagético, amplo, que transcende o representar humano e animal ontogenético, pertencente a esse *saber prévio*.

Convido o leitor a refletir sobre as considerações descritas acima. A primeira é sobre a percepção e o que podemos compreender de tal fenômeno. A segunda é se esse *algo* que é percebido por essas pistas, se esse *algo* existe no organismo que percebe como um saber prévio e que se liga a *algo* que emana do outro (*Objekt*) do qual procedem tais percepções. Enfim, o que existe entre esses dois *algos*, o de dentro e o de fora, já que indubitavelmente há uma especificidade deste conhecimento, sobretudo nos animais e em etapas mais primitivas do desenvolvimento humano. O instinto não é cego, inclusive em espécies bem menos complexas do que os mamíferos, como a dos insetos, o que aponta à discutida e combatida seleção sexual proposta por Charles Darwin (Margulis & Sagan, 1998).

O descrito se incluiria no proposto por Green (2005) como o duplo limite do objeto? Na discussão proposta por esse último autor sobre o alcance e as vicissitudes do mundo interno, particularmente no que se refere à função do real que emana da percepção, afirma que “a prova da realidade não se satisfazia mais

com o suporte da percepção. A relação percepção-representação, mesmo mantendo certa validade, deveria ser repensada, por ser insuficientemente fiel à complexidade” (p. 55). O que significa *insuficientemente fiel à complexidade*? Poderíamos, nestas circunstâncias, falar em *objeto*, *protótipos* dos mesmos, ou, para usar uma expressão de Bion (1962), *preconcepções* dos mesmos? Tais ilações de pensamento caberiam dentro do proposto por Green (2005), posto que, segundo Freud (1905; 1925), o encontro com o objeto é na realidade, um reencontro. Qual a dimensão deste reencontro?

Dentro de nosso pensar, se a pulsão não é indiferente, pois se dirige a fêmeas e machos específicos da espécie e não a outras, a presença do *objeto* revela-se através da pulsão e do instinto e é inerente aos mesmos? Provavelmente é o ato psíquico que dá testemunho da presença da representação do objeto, mas, antes disso, podemos concluir que os conceitos de pulsão (*Trieb*) e instinto (*Instinkt*) são indissociáveis e que fazem parte daquilo que descrevemos como a história da espécie? Assim ambos os conceitos se completariam, pois um não sobrevive sem o outro? São inúmeras as questões suscitadas e grande é a lacuna do conhecimento para tentar apontar uma luz que ilumine um pouco estes fatos. A digressão de Green (2005), no referido trabalho sobre as peripécias da teoria deslocando-se da pulsão para o objeto e vice-versa e da impossibilidade de Freud de construir “um estrutural que teria sido o resultado das relações pulsões-objeto, cuja assimetria teria sido o elemento mais dinâmico e mais interessante” (p. 59), convida-nos à reflexão. Tal estrutural repousa onde? E por que, deste, se destacam as assimetrias dinâmicas e interessantes? Seriam estas devidas ao *disparador específico* e *correlato receptivo* como veremos nas considerações apontadas pelos etologistas? E, destas assimetrias primordiais, não emanariam outras que, necessariamente, desconstituíam a ilusão da identidade e confluíam para o *complexo do semelhante* (Freud, 1950a)? Teríamos uma notícia deste estrutural através do investimento ou desinvestimento de toda estrutura que pode ter valor de objeto? (Falcão, 2012).

Exatamente dentro deste ponto de vista assimétrico podemos avaliar de uma forma mais detida o problema da percepção. Os biólogos citados (Margulis & Sagan, 1998) propõem um interessante problema através de uma *caixa chamada parabox*. Dependendo da distância e do uso de um ou dois olhos para percebermos o objeto caixa, o mesmo vai sendo complementado e organizado de uma forma imanente pelo próprio observador. Tais descrições aproximam-se muito do que descreve Lacan como a superposição e complementação do imaginário e do real. “Não somos um olho, o que é esse olho que passeia?” (Lacan, *O seminário I*, 1953-54, p. 97). Com esta questão Lacan nos insere neste mistério, questão da

qual não teremos uma conclusão definitiva, certamente, apenas novos acréscimos. Concluem os referidos biólogos que

A percepção não é passiva, mas envolve uma atividade mental contínua. Construimos nosso mundo, em especial nossas percepções do outro e suas motivações, a partir de dados incompletos. É vasto o potencial de erros de interpretação, manipulação e engano (p. 140-1).

De acordo com os autores, muitas espécies de animais desenvolveram características superficiais de exibição e aparência avolumada que são fundamentais para o acasalamento e que estariam bem mais de acordo com fenômenos descritos como *paixão*, *fascinação*, *atração*.

De meu ponto de vista sobre este assunto, tais relatos coincidem com as observações de Lorenz e Tinbergen, resumidas por Ronald Fletcher (1972) e aqui transcritas de uma forma abreviada também: o *instinto*, diferentemente das *taxis*, para ser liberado, necessita de estímulos constituídos por uma *Gestalt* complexa. O disparador, para sua liberação, possui um “correlato receptivo do processo perceptivo no sistema central do animal” (Fletcher, 1972, p. 114). Assim, complementamos a percepção sujeitos ao engano e ao engodo, se as mesmas não coincidirem com a realidade. Certamente a ontogenia do desenvolvimento é responsável por uma boa parcela destes fatos. Mas o filogenético é, sob minha ótica, também responsável por outra parte desse imaginário primordial, este que se expressa de uma forma prevalente nos animais e nos primórdios de nosso desenvolvimento. Trata-se de estruturas herdadas de saber prévio, usando a expressão de Freud, que completam de uma forma automática a percepção, conferindo uma veracidade muito mais abrangente à posição kantiana de que o mundo em si é incognoscível. Fabricamos, portanto, ilusões e enganos e o encontro não passa de um reencontro certamente alterado pela presença do real contextual e instintivo (Freud, 1925). Penso que, de uma ou outra forma, tais elementos estão também presentes na constituição dos ideais.

Veja-se a semelhança com o descrito por Lacan (*O seminário 1*, 1953-54, p. 194-5). Pergunta-se o referido autor: o que é o conhecimento no homem e no animal? Responde que

No animal conhecimento é coaptação, coaptação imaginária. A estruturação do mundo em forma de “*Umwelt*” (ambiente) faz-se pela projeção de certo número de relações, de ‘*Gestalten*’ (relações formais e lógicas), que o organizam e o especificam para cada animal.

Prosegue Lacan (1954, p.194-5):

Com efeito, os psicólogos do comportamento animal, os etologistas, definem como inatos no animal certos mecanismos de estruturação, certas vias de descarga. Seu mundo é o meio onde evolui, que tramam e separam no indistinto da realidade essas vias inicialmente preferências nas quais se engajam suas atividades comportamentais.

Se, no homem, segundo o autor, a anarquia o submete às contingências diversas, onde reside, no mesmo, o que é inato?

É preciso isolar aqui a função que desempenha no homem a imagem do seu próprio corpo – sem deixar de notar que também no animal ela reveste uma extrema importância (p. 195).

Concluimos que a imagem especular com a qual a criança se apossa de seu próprio corpo, esse ideal projetado de extrema importância, possui certamente um aspecto instintivo e inato e é da mais fundamental significação que o mesmo lhe seja devolvido através do contexto, para servir de suporte para este mínimo de ilusão de identidade e engodo tão vital ao desenvolvimento. Certamente o afirmado é também válido para outros especulares como a sombra e o espírito, de acordo com a proposta de Freud (1919). A afirmação de Lacan (*O seminário, livro I*, 1953-54), discutindo o caso clínico de Dick, apresentado por Melanie Klein, de que, para a criança humana, diferentemente dos animais, é oferecido um número praticamente infinito de objetos sobre os quais a função do imaginário incide e marca com um valor de *Gestalt*, coincide com a suposição de Freud de que também, diferentemente dos animais, o pré-consciente dos humanos é praticamente infinito. Todos estes fatos nos indicam os efeitos da neotenia e apontam para a suposição de que o pequeno Dick de Melanie Klein aproxima-se mais do comportamento animal do que do humano, embora, nos primeiros, encontrassem apelos e, em Dick, os mesmos ainda estão praticamente ausentes, estruturando-se pouco a pouco através do encontro com “a boa palavra” da analista (*O seminário, livro I*, 1953-54, p. 101).

Freud, em seu *Projeto de psicologia* (1950b), formula a hipótese de que, para o investimento da atenção se deslocar sobre a percepção, o sistema ψ da memória, através de ω , sistema da consciência, deverá receber sinais de qualidade. Talvez aqui possamos sugerir que estes sinais de qualidade, principalmente nos primórdios, possuem uma especificidade inerente típica do *saber prévio* de cada

espécie que necessita, sobretudo no início de nosso desenvolvimento ontogenético, coincidir de maneira bastante próxima com o percebido, para que a identidade ilusória se reproduza e, com ela, a especificidade das ações (Freud, 1950a). Institui-se, no dizer de Lacan, exatamente pela posição do *bom olho*, esse *bom lugar* onde imaginário e real estabelecem uma série de encontros ilusórios necessários para o estabelecimento do registro do simbólico da ordem humana decretada pela *boa palavra* de Klein, originando, inclusive, a capacidade de apelo do pequeno menino Dick (*Seminário, livro 1*, 1953-54). Diríamos, a angústia tornou-se nominável diante do inominável anterior.

O referido por Lacan pode ser relacionado, com outras palavras, ao escrito por Freud (1900), onde afirma que o privilégio dos homens em relação ao animal é a possibilidade de introdução de novas qualidades organizadas pela palavra através de sensorialidades bem mais específicas. Compreendemos também, de uma forma mais profunda, o dito por Freud (1918) que o desencontro substancial entre este saber prévio e o que o contexto oferece para ser percebido como vivência “parece aportar uma rica tela aos conflitos infantis” (p. 108-9), o que decretava a ausência de apelos no pequeno Dick. Portanto, as vivências de dor e satisfação que se acrescem às ações específicas possuem um grau de imponderabilidade ilusória que, necessariamente, complementam, de uma forma interna, o percebido e organizam as quantidades em formas qualitativas diversas. A falsa categorização da percepção sempre existe, mas é necessário que não se imponha como desestruturante em demasia, pois, de outra forma, desintegraria de modo traumático o eu em desenvolvimento, desconstruindo este espaço transicional ilusório fundamental (Winnicott, 1953).

Em um trabalho recente, *Inibição, sintoma e angústia: enlaces com outras ciências* (2011, p. 595), assim me expressei sobre este assunto:

Uma das hipóteses que poderíamos traçar, seguindo a sugestão de Freud, trata de quando o vivenciar da ontogenia não elabora de forma adequada a filogenia. Não lhe concede o devido espaço para sua expressão adequada, favorecendo então a emergência de processos traumáticos de grande magnitude, que impedem a estruturação das defesas (recalques originários), cujo desenlace poderia ser o que se designa como psicoses.

De posse destes maiores dados sobre a percepção, poderíamos acrescentar que basicamente a diferença entre neurose e psicose implica o juízo de realidade sobre o percebido. Em casos nos quais o ilusório, o delirante, é excessivo, quem sabe devido a este desencontro primordial, o resultado é a psicose originada

exatamente por esta necessidade que temos de remendar o percebido com nossas construções onto e filogenéticas (Freud, 1924a).

Repensando Freud (1924b, p. 166) sobre o significado do desprazer, convém examinar uma das tantas assertivas do mesmo a este respeito:

A elevação das tensões se sente em geral como desprazer e sua diminuição, como prazer. É provável, entretanto, que o que se sente como prazer ou desprazer não seja a altura ‘absoluta’ desta tensão, sim algo que tem a ver com o ritmo das mudanças que se produzem nelas.

Cabe aqui refletir sobre duas questões. A primeira diz respeito ao ritmo das mudanças que se produzem nelas. Ora, a diminuição da tensão pode ser devida ao encontro que determinado ritmo pulsional aspira obter junto a outro ritmo semelhante que o complementa de fora. Deste encontro origina-se a percepção de qualidade e certamente este encontro diz respeito ao ritmo possível a ser captado e o que isto tem a ver com o proposto em torno do que conceituamos como *instinto*. Se nossa hipótese tem algo de verdadeiro, respondemos, certamente apenas em parte, a segunda questão muitas vezes trazida por Freud. Em determinadas ocasiões o aumento da tensão pode ser sentido como prazer. Certamente é um aumento *expectante* de encontro antevendo a complementaridade ilusória das assimetrias entre o eu e o objeto. Se tal expectativa estiver excluída, seja lá por que razão, este aumento de tensão inevitavelmente se tornará desprazer. Poderemos ainda supor que, deste encontro complexo, surgem os fundamentos das transformações de quantidades em qualidades “com a qual aparece triunfante a tendência originária ao afastamento da quantidade” (Freud, 1950b, p. 353).

Eis, portanto, uma das razões em favor de que o eu é um sistema autopoético representacional complexo em permanente contato com o contexto *objetal* externo, criador de inúmeras representações equacionadas em um movimento de permanente devir e de barreiras de contato que impedem a dissipação de energia narcisista complexa e conquistada, segundo nos propõe a segunda lei da termodinâmica, sem deixar de realizar esse permanente contato tão necessário para que a vida se constitua. Alguns psicólogos comportamentalistas rastejaram esta questão atribuindo o conceito de *significado instintivo* à vivência afetiva da experiência instintiva em si e que tal *significado instintivo* abriria as portas a *valores psicológicos* que se agregariam a “valores de sobrevivência puramente biológicos” (Lloyd Morgan citado por Fletcher, 1972, p. 38), e, de acordo com o proposto por Freud (1918), no sentido que a vivência acrescenta-se ao *esquema universal* conferindo-lhe significação. É óbvio que, para os referidos

comportamentalistas, a questão do inconsciente, da forma como Freud a propôs, estava excluída.

Dentro desta mesma linha de pensamento apresenta-se também a questão da morte celular programada (apoptose). O que os biólogos citados propõem é que, devido ao sexo fusional e à meiose, nosso corpo, nós como indivíduos, somos herdeiros da entropia negativa, que, pela ação do que nós psicanalistas conceituamos como pulsão de morte, acaba por desestabilizar nossa homeostase vital narcisista e que tal fato está *programado* dentro de nossa estrutura genética e recebe a denominação de apoptose. Portanto, *in senso lato*, tais características armazenam-se na nossa bagagem instintiva. O vetor que conduz a libido ao enlace entre macho e fêmea, após fenecer, sofre uma inversão de direção que conduz à desconstituição inclusive da libido narcisista, ou, na linguagem de Freud, a um enlace narcisista desvantajoso, um narcisismo negativo (Green, 1983) no qual prevaleceria o desinvestimento do investido, inclusive do objeto, suas representações e das funções que os constituem (Green, 1984).

Se tais suposições aproximam-se do observável nos fenômenos vitais, poderíamos supor que a programação do instinto, assim como a da pulsão, é promover enlaces e desconstituições psíquicas, e não estaríamos errados em conceituar um *instinto* (*Instinkt*) de vida e de morte como foi feito em relação às pulsões: “A demoníaca tendência genética para o envelhecimento e a morte programada parece diretamente ligada aos organismos de sexualidade meiótica” (Margulis & Sagan, 1998, p. 116). Ora, tal desligamento expressaria um movimento de desconstituição da função objetualizante que, em última análise, implodiria Eros e toda a bagagem filogenética, um verdadeiro suicídio vital programado.

A injunção de Green (2005) de que, para levarmos em conta o papel do objeto, devemos nos valer das psicoses e dos chamados casos-limites, exatamente porque os mesmos revelam o papel importantíssimo que desempenham os objetos externos nas configurações dos quadros clínicos assinalados, leva-me novamente ao dito por Freud (1918, p. 158): “As discrepâncias entre a vivência e o esquema parecem abastecer de material abundante os conflitos infantis”. Não seriam estas exatamente as discrepâncias relatadas por Green (2005, p. 60-1), nas quais o *esquema* desencontra-se com o vivenciado a ponto de emergir o destrutivo no seu lugar? E como representar este destrutivo a não ser por um *esquema* que enfim o representa? Qual a origem desde novo *esquema* que é tão bem traduzido pelo delírio de Schreber (assassinato da alma), também citado por Green no referido trabalho? Em outro trabalho (Machado, 2012) o relacionei ao *Urvater* de Freud descrito em *Totem e tabu*. Qual o outro que fala no lugar do eu (Green, 2005, p. 60), o *Urvater* ou seu representante imediato, o totem? Seria apenas o pai ou

também a mãe, ambos loucos, reconhecidos por Niederland (1974) no que se refere ao pequeno Daniel Paul Schreber? Portanto, é imediata a observação que o *Urvater* e o totem contêm em seu coexistir uma tensão (*Aufhebung*) permanente. Ou poderíamos acrescentar que o supereu nada mais é do que um dos incontáveis eus degradados durante o desenvolvimento (Freud, 1923), agora ressuscitado sob nova forma? E tal supereu ressuscitado contém no seu âmago o *Urvater*? Todas estas situações não se inscrevem dentro do que poderíamos supor sejam as relações de objetos as mais primitivas? Caso as mesmas não se constituam adequadamente pelas vivências, não se instituiriam os esquemas primordiais mais ligados ao *Urvater*, portanto próximos à destruição do eu e de seus desejos?

Faço minhas as palavras de Green (2005, p. 62) quando discute o caminho da pulsão, do somático à meta, tornando-se psíquica:

Mas como a pulsão – ao menos é o caso daquelas que não podem ser satisfeitas de maneira autoerótica – é impelida a se desdobrar afastando-se da fonte somática, *tal qual um animal que saiu de sua toca em busca de sua presa, ela então é forçada, não a abandonar sua fonte somática, mas a partir em busca daquilo que pode aliviar sua tensão* (grifos do autor).

Acrescenta Green (2005) que tornar-se psiquicamente ativa é estimular os recursos existentes de uma atividade de significação. Citando Winnicott, ressalta que esta incorporação, acompanhada de prazer, é equivalente ao ato de criação. Pergunta-se: e, se acompanhada de desprazer e dor, quem é que fala no lugar do sujeito? Também seria conveniente ressaltar os imperativos, de meu ponto de vista, instintuais, contidos nas assinalações de Green, nos quais, *tal qual um animal que saiu de sua toca em busca de sua presa, ou ela (a pulsão) é forçada* em direção ao alívio, certamente alívio este contextual e específico sobre tudo no que se refere à preservação da espécie. Veja-se também a questão da especificidade inata entre a atividade do organismo e o meio que o envolve (Fletcher, 1972).

Em relação ao id, como reservatório e sítio dos conflitos entre os antagonismos de pulsões de vida e de morte, Green (2005, p. 71) expõe:

Todos estes argumentos procuram justificar que a parte primitiva da personalidade psíquica não pode ser definida unicamente por sua qualidade inconsciente, em outras palavras, que toda referência à consciência, positiva ou negativamente, deve ser abandonada.

Estamos, portanto, suponho, no próprio registro do real em si mesmo

inacessível e, se quisermos, do irrepresentável (Freud, 1915b). Trata-se do id (Freud 1923). Ora, não é exatamente este núcleo do real inacessível que contém uma população primitiva, do qual temos alguma parca notícia através do instinto animal (Freud, 1915b; 1918)? Acrescente-se a isso o lugar das forças, para usar a expressão de Green, que pouco importa se são uma ou duas. É a ideia de força, ou diríamos, de energia, no sentido de instituir unidades progressivamente complexas, ou, ao contrário, da desconstituição de tais unidades complexas que inscreve as pulsões de vida e de morte em dois conceitos distintos (Green, 2005). O próprio autor referido chega a propor uma “metabiologia” assim como Freud propôs uma “metapsicologia” (Green, 2005, p.76). Ambas se inserem no estudo do *além*, do *inapreensível*. De qualquer forma nenhuma de tais *metas* é, epistemologicamente falando, dissociada de sua ciência de origem e apenas se revela através dela. Concordo, entretanto, que ambas são fundamentais para ampliar a compreensão dos fenômenos que implicam a relação psique e soma com seus contextos objetivos e a devida constituição da cultura através destes incontáveis encontros e desencontros assimétricos, tão fundamentais no desenvolvimento do homem e das espécies e que torna a biologia uma ciência indispensável para o progresso da psicanálise.

Certamente o id é patrimônio geral das espécies. Como o mesmo se desenvolve através da filogenia? Quais as diferenças estruturais que o distinguem nas diversas espécies e no seio do próprio homem? Pelo menos no que diz respeito ao homem, Freud sugere (1923) que o id é o sedimento de inúmeros eus ocorridos durante seu desenvolvimento filogenético e que o supereu não é nada mais do que um desses eus ressuscitado.

Outra possibilidade de reflexão insere-se na distinção da inscrição progressiva do ódio como afeto, inscrição essa que reveste o ato agressivo e expulsivo em si. Este último é do registro do real e do afeto, amor ou ódio, pertence ao registro do imaginário, isto é, da vivência que colore o mesmo. Podemos, inclusive, melhor compreender a injunção de Klein (1957) quando afirma que a inveja, como afeto destrutivo que porta o ódio em seu âmago, representa a ação da pulsão de morte projetada. O ódio e a inveja representam afetos que se inscrevem sobre a indiferença do ato. Destes últimos, emerge o amor (Freud, 1915a).

Mais alguns acréscimos advindos da biologia

Aristófanis, no mito platônico descrito em *O banquete*, revela que, no começo andrógino da nossa espécie, éramos seres com formato de esferas com quatro pernas e quatro braços, capazes de se deslocarem com grande velocidade.

Devido a nossa soberba, Zeus partiu-nos em dois. Após esta cisão nosso destino foi vagar sobre a terra à procura da metade perdida, odiando-a e ansiando pela mesma (Margulis & Sagan, 1998; Freud, 1920). Poderíamos formular a hipótese de que essa busca incessante da metade perdida pode ser atribuída à pulsão (*Trieb*), ao instinto (*Instinkt*), ou a ambos? Interessante que a própria biologia constata este comportamento inserido dentro das histórias dos organismos:

Os protoctistas, plantas e animais sexuais, são corpos complexos, de metabolismo incessante, em cujas histórias estão profundamente inseridas a fusão celular e o resgate meiótico da diplopia [...] Quanto mais complexo o corpo e quanto maior o número e a diversidade das partes que o integram, mais rigorosa, ao que parece, é a exigência de *começar pelo começo*, realizando a fusão e desfazendo-a através da redução acarretada pela divisão meiótica [...] A história dos sistemas vivos ressurgem inconscientemente” (Margulis & Sagan, 1998, p. 91-2).

Diríamos, está impressa na constituição do mesmo.

Certamente o inconsciente descrito não é o mesmo que sugere Freud. Porém, quando o mesmo nos afirma que o núcleo do inconsciente é como uma população psíquica ancestral e que, “se for verdade que há no homem formações psíquicas herdadas, talvez semelhantes ao instinto (*Instinkt*) animal, elas seriam o cerne do Inconsciente” (1915b, p. 44), não podemos deixar de estabelecer analogias no descrito por estes autores. Conclusões semelhantes poderiam ser obtidas através da observância de tumores cancerosos:

Normalmente contidas, as células corporais estressadas às vezes retornam a seu estilo de crescimento ancestral, tornando-se cancerosas. As células do câncer são retrocessos ao estilo de vida anterior da mitose irrestrita. A comunidade cuidadosamente diferenciada que é o corpo animal tende a se desintegrar [...] Nós, os animais, exercemos um tênue controle inconsciente sobre nossos tecidos e órgãos, protegendo-os através de um sistema imunológico cooperativo e instintivo. A cooperação do sistema imunológico dos vertebrados é de evolução relativamente recente (Margulis & Sagan, 1998, p. 112).

Compreendemos, portanto, o que propõe Freud (1915a) como o eu real originário e seu enlace instintivo que toma Eros como avalista e executor, estabelecendo e mantendo a organização narcisista dos órgãos.

Todas estas considerações não deixam de ser uma introdução para o que modernamente entendemos por sexualidade derivada do canibalismo, conforme indica a evolução das espécies. Neste início, ambas estão indiferenciadas. Os monstros que se originaram da fagocitose se constituíram nas primeiras células diploides, e tal situação não ocorreu primeiramente pelo desejo sexual e sim pelo estresse advindo do contexto. Nasceram essencialmente conservadoras da vida, fato que se atribui também à sexualidade. Seguiram-se a divisão celular reprodutora, o sexo fusional e a mitose promotora do desenvolvimento de embriões marcados pela morte programada (Margulis & Sagan, 1988). Os autores acima citados referem-se à reprodução mitótica que também acompanha a incorporação de uma protoctista por outra, esta incorporação necessária para o ulterior desenvolvimento da meiose, ligada ao início da sexualidade. Assim, em muitos animais, plantas e fungos, mesmo em protoctistas primitivos, a célula haploide, típica do resultado da meiose, alterna-se com a diploide, típica da duplicação por mitose. “A haploidia, que termina na fecundação, e a diploidia, que termina na meiose, compõem o ciclo central da história biológica dos animais” (p. 72). Este seria o *sexo meiótico* presente em formas diversificadas em animais, plantas, na maioria dos fungos e em muitos protoctistas que *exige* (grifos do autor) o acasalamento em algum momento da vida. O termo *exige* possui uma conotação de necessidade instintual e pulsional e implica a relação de pelo menos dois organismos.

Da alternância dos protoctistas entre singularidade e duplicidade, das fusões celulares e da redução da fusão pela meiose evoluíram os corpos volumosos (p. 75).

Esses ciclos entre singularidade e duplicidade (haploidia e diploidia) começaram com a criação da sexualidade meiótica (p. 83).

Nestes inícios o estado diploide era benéfico para a autoconservação do indivíduo, e o haploide se tornou necessário para o crescimento rápido. Podemos, portanto, afirmar que o estado diploide resistente era necessário também para a conservação da espécie. “A brilhante estratégia corporal primitiva das plantas e animais constituiu em crescer no estado fusional intermediário [...] dos embriões” (p. 84).

O indício de que a sexualidade evoluiu da autoconservação – do canibalismo à sexualidade – advém do fato de que os protoctistas diploides – com um conjunto duplo de cromossomas – seriam bem mais capazes de sobreviver às condições

contextuais adversas que seus originários haploides – conjunto único de cromossomas –, não que esses não possam também se duplicar por mitose. Nestas últimas condições nunca se perturbam com a diferença sexual, acasalamento ou fusões sexuais. Apenas tornam-se diploides devido às condições adversas, mas logo retornam à condição haploide, cessadas tais condições (pulsões conservadoras da vida). Embora os autores citados divaguem sobre inúmeros tipos de meiose, “nossos ancestrais eram protoctistas sexuados, espécimes simples que, quando submetidos a pressões, fundiam-se e formavam espécimes dúplices. Quando a estação mudava, eles retrocediam a seu estado haploide anterior” (p. 76). Eram, portanto, sazonais. “A experimentação sexual dos protoctistas levou a todos os acasalamentos férteis e compatíveis de membros de uma espécie no planeta” (p. 76).

Todos estes protoctistas que constituíram populações coerentes evoluíram da hipersexualidade bacteriana há cerca de dois bilhões de anos. A fusão sexual sistemática estabilizou as espécies, embora, no início, os parceiros fossem exatamente iguais. Necessitavam reconhecer-se para evitar o canibalismo até letal que ameaçara seus ancestrais. Pouco a pouco, machos e fêmeas se distinguiam por pistas muito sutis, pois aparentemente eram iguais. Progressivamente as células oriundas da meiose produziram a anisogamia, espermatozoides pequenos e óvulos grandes passíveis de acasalamento. Divisamos de certa forma a história da filogênese, da complexidade gradual do instinto.

A fagocitose é ainda comum entre os protoctistas quando ameaçados na sobrevivência. Criou-se assim uma etapa evolutiva intermediária entre a alimentação e a duplicação fecundante do sexo meiótico, segundo observações de Cleveland (Margulis & Sagan, 1998). Para este autor citado, o sexo meiótico teve como início esta fusão canibalesca alimentar na qual o digerido permanecia com sua carga cromossômica viva dentro do predador. Tudo leva a crer que a sexualidade é uma evolução do canibalismo mais primitivo. Margulis & Sagan (1998) enfatizam que “foi assim, teorizou Cleveland, que o sexo fusional, o sexo meiótico da fecundação, teve início” (p. 79). Os monstros diploides necessitavam aliviar-se de sua diplopia e o fizeram através da meiose e sazonalmente necessitavam acasalar-se para sua sobrevivência. A meiose evoluiu da mitose, a qual origina uma nova fusão que conduzirá, particularmente nos animais e plantas, ao crescimento por mitose, agora não mais monstruoso e sim adaptado. Nos protoctistas tal fusão origina um propágulo resistente às intempéries, e, depois de passada a mesma, restabelece-se deste estado dormente originando haploides mais ágeis. Portanto, a sexualidade foi uma forma de autopreservação do indivíduo, e tudo leva a crer que esta última precedeu àquela.

O indício mais fascinante da origem múltipla de nosso tipo de sexualidade meiótica ou reprodutora provém do fato de que inúmeras espécies de protoctistas, de fato, são induzidas pelas pressões do meio ambiente a praticar atos sexuais [...]; na pré-história da sexualidade, só os seres que formaram pares evoluíram (Margulis & Sagan, 1998, p. 82-3).

Portanto, os ciclos que alternam a haploidia e a diploidia iniciaram com a sexualidade meiótica. Não podemos deixar de pensar que Freud (1923) refere que a relação com o seio é o preâmbulo da relação sexual madura e que a interdição totêmica dirige-se tanto ao canibalismo quanto ao incesto (Freud, 1912-13). Estes aspectos também encontram antecedentes biológicos.

Freud considera que as pulsões sexuais nascem por anáclise, emparelhamento (*Anlehnen*) com as pulsões de autoconservação (1905). Divisamos certa sequência temporal da configuração acabada das duas pulsões essenciais constituintes de Eros. A questão do ritmo das pulsões sexuais, desde o mamar até a sexualidade madura, indica a necessariedade instintiva de tal configuração e a presença, desde o começo, para a transformação de libido de objeto em libido narcisista ou libido desligada em ligada. Este duplo toque indica que os dois organismos que se tocam não o fazem ao acaso e sim através de uma necessariedade complementar instintiva e pulsional evidente e que, com o desenvolvimento, expressam-se através das escolhas de parceiros sexuais.

Revisando algumas contribuições de etologistas

“Nenhum caso me interessou e pasmou tanto quanto a extremidade posterior e partes adjacentes de alguns macacos... Parece-me... provável que as cores vivas, seja no rosto, seja nas nádegas, ou em ambos, como no mandril, servem de ornamento e atrativo sexual”. Darwin¹ (1894 *apud* Margulis & Sagan, 1998, lâminas 12-13).

Que os instintos estão sujeitos à evolução é algo conhecido desde as *Origens das espécies* de Darwin (Fletcher, 1972). De uma forma semelhante, William

¹ Charles Darwin, *The descent of man, and selection in relation to sex* (1894) In Margulis & Sagan (1998).

James (Fletcher, 1972), em especial nos animais mais desenvolvidos como aves e mamíferos, não consegue considerar os instintos completamente cegos, portanto não sujeitos à aprendizagem, principalmente se repetidos várias vezes. É interessante esta questão, pois a definição de instinto em seus primórdios exclui a educação, e hoje debate-se em biologia a influência vivencial sobre o genoma das espécies. Por conseguinte, a expectativa pulsional gerada pelo instinto, se *desejada* ou *indesejada*, se satisfeita ou não, gerando prazer ou desprazer, em que se inclui a dor e o trauma, implica necessariamente a aprendizagem, no mínimo ontogenicamente, sob a égide das vivências e afetos despertados. Um dos aspectos mais interessantes ressaltado por William James refere-se ao conflito de instintos que traz a aparência da compreensão inteligente. Um animal que busca um alimento põe-se em atitude de fuga diante de um obstáculo, a percepção de um ser humano que o ameace. Penso que estamos diante de um *saber prévio* não obtido por educação imediata e sim por desenvolvimento da bagagem inata de acordo com a evolução da espécie. Não nos encontramos diante de um automatismo fatal. Este pode ser encontrado muito mais na *compulsão à repetição* de determinadas condutas humanas.

Muito interessante seria ainda refletir com atenção sobre as propostas deste autor no que diz respeito às importâncias periódicas e sucessivas da bagagem instintiva, da prevalência de determinados hábitos depois substituídos ou não por outros. Encontramo-nos diante de fenômenos que, atualmente, dentro de nossa perspectiva psicanalítica, poderíamos denominar de fixação, se nossa libido adere a determinados objetos.

É digno de nota que todas as contribuições destes primeiros pesquisadores incluem no sistema nervoso estas preorganizações de reações, à semelhança de Freud (1950b) em seu *Projeto de psicologia*, e que desconsideram a educação e a aprendizagem individual, embora estas últimas possam influir posteriormente em suas manifestações, compondo com a parte inata da bagagem instintiva a aprendizagem ontogenética.

Na síntese proposta por Fletcher (1972) sobre as concepções de Konrad Lorenz (1952), destaca-se, para nosso interesse, o fato de que o instinto implica um padrão de comportamento herdado, específico e estereotipado. Examinando mais detidamente estes termos, encontramos, nas *especificidades* aludidas, aproximações aos termos freudianos. A *tensão é específica* e implica uma *percepção específica* do contexto, seletiva de acordo com as espécies. A descarga destas *tensões* é gerada pelas *ações específicas*. Acrescente-se a estas ponderações o *disparador específico* relacionado intimamente com um *correlato receptivo* do processo perceptivo localizado no sistema nervoso central do animal de cada

espécie. Muito interessantes são as considerações sobre este *correlato receptivo*:

Afirma-se que os correlatos receptivos são inteiramente inatos; outras vezes que são em parte inatos e em parte o resultado de gêneros particulares de aprendizagem que têm lugar *durante as primeiras operações de um instinto* [grifos meus]; e, às vezes, por último, dificilmente devidos a algo da herança, são predominantemente aprendidos (p. 114).

Poderíamos acrescentar a suposição que, em nossa espécie humana, encontraríamos as três sugestões progressivamente postadas em nossa memória de acordo com o desenvolvimento.

Outro aspecto também ressaltado por Lorenz (1952) são as *atividades no vazio*. Se a energia específica que provoca a ação específica do instinto – note-se que o fenômeno descrito engloba tanto o *Instinkt* (instinto) quanto o âmagô formatador do vivencial, exteriorizado pela ação de *Trieb* (pulsão), todos tão necessários para o encontro com o *Objekt* (objeto), ambos conceitos de Freud – encontra *a ausência completa dos estímulos exteriores adequados (Objekt)*, executa-se no vazio ou com objetos substitutos. Isto conduz à possibilidade de um engodo contextual e deve-se ao fato de que, diferentemente das *taxis* e dos *reflexos*, “o estímulo perceptivo que produz nos instintos a liberação adota uma forma de uma *Gestalt* relativamente complexa [...] uma particular estrutura de estímulos” (p. 114), variando tal *Gestalt* através do desenvolvimento da espécie e entre espécies distintas. Logo, o animal busca ativamente esta *Gestalt* específica *ideal*.

Não é demais ponderarmos que Freud, ao conceituar *ação específica*, por exemplo, no seu *Projeto de psicologia* (1950b), não se refere a uma *ação inespecífica*, embora possamos deduzi-la quando nos fala em descargas que simplesmente tendem a levar o sistema a uma desconstituição completa de sua energia organizacional (inércia). Já a constância do sistema se deve a “ações específicas” (p. 341) e, podemos deduzir, implicam *energias específicas*. Repare-se que Eros e Thánatos são regidos por princípios afins destas descrições (Freud, 1924b), e a prevalência de Thánatos aponta, como postulamos no início deste trabalho, a uma desconstituição de toda função objetualizante oportunizada também pelo enlace pulsão, instinto e objeto com o qual a constância é alcançada (Green, 1983). Seria possível uma comparação assim do proposto por Freud com suas especificidades e inespecificidades com o proposto pelos etologistas citados?

Na síntese sobre Niko Tinbergen (1951) proposta por Fletcher (1972), salta à primeira vista a ambiguidade que o primeiro autor atribui ao aspecto subjetivo

da experiência instintiva. Se, por um lado, desqualifica a experiência como fator relevante no comportamento animal, particularmente no inato, refere-se outras vezes a “certas fases do comportamento instintivo que são plásticas, adaptáveis e verdadeiramente intencionais” (p. 118). Fletcher, de qualquer forma, opõe-se à desqualificação da experiência no conjunto da análise causal dos fenômenos, mesmo que aos mesmos se atribua a qualidade do inato ou herdado. Chega a sugerir a possibilidade de herança dos fatores vivenciados, o que está de acordo com a proposta por Freud (1939), e atribui a desqualificação da experiência perceptiva pelos ditos autores a uma *curiosa cegueira* que desconstitui a *qualificação* do biológico como constituinte de biológico mesmo (p. 119-20). Concorda, entretanto, com Tinbergen sobre a convergência de fatores espontâneos e contextuais de estimulação externa na determinação comportamental causal e instintual das espécies.

Tinbergen (1951), neste último sentido, propõe, e Fletcher está de acordo, que cada espécie possui seu próprio mundo perceptual que não se confunde com outra espécie e, embora o animal seja capaz das mais amplas percepções, reage apenas a aspectos particulares e específicos das mesmas (estímulos-signos), o que pode conduzir a erros comportamentais instintivos. Tal especificidade é correlata a um mecanismo inato de percepção e varia não apenas nas espécies, mas também entre diferentes instintos (por exemplo, estímulos que despertam instintos de luta ou acasalamento) em momentos diferentes da existência animal. Compõem-se de múltiplos estímulos simples, que tornam a percepção complexa e de difícil mensuração, todos estes dependentes da *tensão interna* existente no animal reator. Assim os instintos podem entrar em contradição (ambivalentes), o que pode ser observado em situações de ações contraditórias. Porém a complexidade perceptual pode conduzir a enganos e engodos diante da prevalência, na complexidade perceptiva, de um determinado estímulo-signo, pois à configuração gestáltica associam-se, necessariamente, vários outros estímulos, como, por exemplo, os do movimento.

Resumamos a definição proposta por Tinbergen (1951) para instinto:

É um mecanismo nervoso hierarquicamente organizado, suscetível a certos impulsos de origem tanto internos como externos, que o preparam, liberam e lhe imprimem direção; mecanismo que responde a estes impulsos mediante movimentos coordenados que contribuem à manutenção do indivíduo e da espécie (Fletcher, 1972, p.151-2).

Notamos nesta definição conceitos que se aproximam de nossas considerações sobre pulsão (*Trieb*), instinto (*Instinkt*) e objeto (*Objekt*).

Não deixa de ser sugestiva a ponderação feita (Margulis & Sagan, 1998, p. 70) sobre a atividade sexual dos protoctistas, em especial os triconifídios, cuja época de desenvolvimento remonta há dois bilhões de anos: Uma vez surgida a diferença sexual, “o macho penetra na fêmea por trás”. É importante a correlação disto com o sugerido por Freud (1918) de que a cena primária é decodificada como o macho penetrando a fêmea por trás, “*visa a tergo, more ferarum*” (p. 79-80). Teríamos nestes fatos o indício da decodificação instintiva da cena primária e seu desenvolvimento como bagagem do Id herdado através das espécies (*Urfantasie*)? Acrescente-se a este dado que “qualquer animal sexuado é atraído por certos traços do parceiro potencial e só cruza com aqueles que os possuem” (Margulis & Sagan, 1998, p. 125). Estamos, portanto vislumbrando a *estrutura invisível* do instinto. Que tais fatos relacionem-se diretamente com a degradação de gradientes e a diminuição de produções entrópicas é uma nova hipótese da biologia moderna, que reveste a sexualidade vegetal, animal e fúngica de importâncias de inimaginável consequência para nosso microcosmo vital.

Não há como não pensar que, de acordo com Freud (1917), pela tendência inata de projetar, isto é, captar algo como se viesse somente do mundo exterior, o estímulo ilusoriamente pertence apenas ao mundo externo e possui uma especificidade sincronizada com o herdado dentro do eu. Teria a ver este correlato interno com o que Bion (1962) conceitua como pré-concepção? Se assim fosse, a ampla gama de preconceções variaria dentro da espécie e de espécie para espécie.

Darwin estabelece um correlato da *seleção natural*: trata-se da *seleção sexual*. Tal como Freud foi combatido pelos seus contemporâneos em vários assuntos, como o da transmissão hereditária de vivências, a seleção sexual também foi questionada e negada.

Darwin foi inabalável em sua insistência em que as fêmeas, até mesmo as fêmeas de insetos, aparentemente movidas por um instinto cego, podem ter um impacto dramático em seu futuro, ao optarem por acasalar tão somente com certos machos. Para ele, era um ‘fato espantoso que as fêmeas de muitos pássaros e alguns mamíferos [...] e [...] o que é ainda mais espantoso [...] de répteis, peixes e insetos’ exercessem uma ‘escolha feminina’”. (Margulis & Sagan, 1998, p. 130-1).

Encontramo-nos diante da *seleção sexual*. Por isso são inúmeros os exemplos da *escolha estética* tanto entre machos como entre fêmeas. São condutas

exibicionistas encravadas na reprodução sexual dos seres vivos.

Talvez, prossigue Lacan (*O seminário, livro 1*, 1953-54), o homem se reconheça nesta imagem corporal e o animal não. E tudo isto ocorre pelo movimento de báscula, através do qual o homem incorpora a imagem do outro como sua (*Idealich*) na fase do espelho:

Há um momento em que é pela mediação da imagem do outro que se produz na criança a assunção jubilatória de um domínio que ela não obteve ainda. Ora, esse domínio, o sujeito se mostra inteiramente capaz de assumi-lo no interior. *Báscula* (p.196-7).

Freud (1905) refere que, com o advento da puberdade, o olho e a beleza – encantos do objeto – assumem a posição maior para a organização genital e a reprodução das espécies. Estas situações aumentam a excitação sexual. Todas estas situações são preparatórias e introdutórias ao coito propriamente dito e são denominadas por Freud de prazer prévio. “Não sem fundamento o fato de mamar da criança com sua mãe torna-se paradigmático de todo vínculo de amor. O achado (encontro) de objeto é propriamente um reencontro” (Freud, 1905, p. 202-3). Acrescentaríamos, através deste reencontro constitui-se a possibilidade progressiva da conquista da objetividade-subjetividade (Freud, 1925) propiciada pelo “complexo do semelhante” (Freud, 1950b) em particular na espécie humana.

Portanto, se o seio está prefigurado no id (Freud, 1923), também estará prefigurado o encontro com o objeto sexual. Sobre os perigos da fixação nos prazeres prévios e o conseqüente estabelecimento de perversões, Freud (p.193) acrescenta que ocorreu uma impossibilidade de integração das *pulsões parciais* em uma meta genital. Sobre tais pulsões parciais, hoje poderíamos acrescentar que é possível que todas se configurem através de uma *Gestalt* específica, que deve ser devolvida pelo objeto, facilitando o desenvolvimento e a prevalência organizadora da fase fálico-genital sobre suas precursoras (Freud, 1905). Seria então o anseio por esta *Gestalt* específica o responsável pelas diversas *tensões* sexuais: “A palavra alemã *Lust* tem duplo significado e designa tanto a sensação de tensão sexual como a satisfação” (Freud, 1905, p. 194). É interessante que Freud afirme a existência de “conexões anatômicas prefiguradas” (p. 195) que sustentam a tensão sexual.

Em *Pulsão e destinos da pulsão*, Freud (1915a) propõe como constituintes da pulsão a fonte, a pressão (energia), a meta e o objeto. Sobre o primeiro termo, ele nos diz que corresponde a um órgão ou parte do corpo. Poderíamos acrescentar que tal aspecto refere-se também ao modo como tal órgão se encontra disposto e

representado instintivamente no sistema nervoso central e que de tal aspecto emanam energias específicas solicitantes de objetos específicos para o cumprimento adequado da meta. A maior conclusão destas divagações, e que estão em consonância com observações contemporâneas, é de que a tensão sexual não depende somente das substâncias genésicas, inclusive das glândulas. Dentro desta concepção encontra-se a hipótese que a libido, força suscetível de variações quantitativas e qualitativas, difere de outros processos energéticos por seu quimismo particular (Freud, 1905) e ainda por suas cambiantes especificidades quando se dirigem aos objetos. Assim, a libido deverá ser observada através de sua contínua transformação de libido do eu em libido do objeto e vice-versa, ambas imprescindíveis para a constituição das identificações. É através deste conceito de narcisismo que a teoria da libido progride, nunca esquecendo que a libido advém dos órgãos do corpo e de suas inúmeras prevalências organizacionais dentro disto que denominamos *instinto*. Portanto, esta contínua transformação de libido do eu em libido do objeto e vice-versa revela a contínua tensão da libido narcisista, que reveste o vivenciar filogenético da espécie, com a vivência ontogênica do desenvolvimento individual (Freud, 1905). Da não execução de tais imbricações necessárias, resulta a nossa caleidoscópica série conflitante existencial.

Eis o limite básico que estabelece a diferença das espécies. Todos estes fenômenos estão ao encargo da libido, pulsão encarregada do processamento da sexualidade. “A relação imaginária primordial dá o quadro de todo erotismo possível. É a condição à qual deverá se submeter o objeto de Eros enquanto tal. A relação objetal deve sempre se submeter ao quadro narcísico e se inscrever nele” (Lacan, *O seminário I*, 1953-54, p.202). Portanto, a relação objetal que se inscreve e se submete ao quadro narcísico possível, possível certamente da ordem do instintivo, suportando apenas certas aproximações possíveis, aponta este saber prévio que, dentro desta hipótese, sugere um saber conquistado e que se conquista permanentemente pelo desenvolvimento do id das espécies.

Discussão e considerações finais

Tomarei como proposição principal destas considerações as pesquisas de René Spitz (1965) sobre a reação de sorriso, pois penso, comparando com todos os trabalhos citados de vários etologistas, que este em especial lança alguma luz sobre o significado do instinto no homem. A mesma reflexão realiza Ronald Fletcher (1972) em seu estudo sobre *O instinto no homem*.

Estas dez páginas de Spitz acima referidas contêm material precioso, do meu ponto de vista, para a compreensão do significado de instinto (*Instinkt*). Sugerem de uma forma clara que é necessária uma maior aproximação entre a metapsicologia psicanalítica e a psicologia animal, estabelecendo umnexo evidente entre a filogenia humana e animal.

Vejam suas ponderações: em torno do terceiro mês, sujeito a uma variabilidade de quatro semanas a seis meses, a criança humana, “se forem preenchidas certas condições: o rosto deve se apresentar de frente, de maneira que o bebê possa ver os dois olhos e deve mover-se”, apresenta uma resposta clara e definida de sorriso típica e específica da espécie (p. 87-8). Do ponto de vista do autor tal reação não revela “uma verdadeira relação objetal”, trata-se apenas “de um sinal” (p. 89). Tal sinal é constituído por uma *Gestalt* privilegiada na qual testa, olhos e nariz e também um movimento são elementos importantes.

O bebê reage a esta *Gestalt*, seja ela da mãe, de um familiar, de um estranho ou, como propõe a seguir, de uma máscara. A reação é interrompida se, durante o sorriso, a cabeça move-se para a posição de perfil. A expressão muda do sorriso para uma perplexidade. Denomina esta *Gestalt* sinal de pré-objeto. As qualidades afetivas existentes entre mãe – bebê serão fundamentais para a transformação de pré-objeto em objeto libidinal. Qualquer mudança dos atributos desta *Gestalt* tornará a mesma irreconhecível e não despertará a reação do sorriso. Prossegue o autor referindo que tal *Gestalt* sinal concentra-se em torno do olho. “Acredito que o elemento olho dessa configuração é da natureza do estímulo-chave de um IRM (*Innate Releaser Mechanism*, Lorenz) como foi definido antes (Spitz, 1965), provavelmente com valor de sobrevivência” (p. 95). Acrescenta que, “para o bebê, este é estímulo supernormal” (Tinbergen, 1951 *apud* Spitz, 1965, p. 95).

Talvez a descrição de perplexidade, no caso da interrupção da percepção do rosto de frente, possa também ser relacionada ao posterior desamparo surgido quando do desencontro do inato com o contextual específico requerido, em que o pulsional libidinal não se liga ao objeto (Freud, 1926). Existiria nesta perplexidade a percepção deste âmago de angústia que poderia verter-se em uma angústia traumática? (Freud, 1926).

Em todo o descrito encontramos a fascinação descrita por Freud (1921). Podemos acrescentar à citação de Freud que “o objeto foi posto no lugar do Ideal do Eu” (p. 107) e que o mesmo é detentor de uma *Gestalt* específica que o transforma no ideal do eu, exatamente porque, sobre o mesmo, foi projetado algo de seu narcisismo que o capacitou a apreender tal *Gestalt*. Assim, como se pode sugerir, tal situação anteciparia o que Lacan descreve como *fase do espelho* (1949). Como tais aspectos ligam-se à fascinação hipnótica inclusive dos animais (Freud,

1921), deduzimos que, nestes últimos, o instintivo, quando veiculado pela pulsão que encontra o objeto específico, o faz de uma maneira total e irreduzível. Citamos novamente Lacan: “É preciso isolar aqui a função que desempenha no homem a imagem de seu próprio corpo — sem deixar de notar que também no animal ela reveste uma extrema importância” (*O Seminário I*, 1953-54, p. 195).

Nos humanos, diferentemente dos animais, segundo Lacan, segue-se um movimento de balança fundante da objetividade-subjetividade. Nos homens a razão humana conseguiu superpor-se a tal desfecho, como sugere Freud (1918), possibilitando a desilusão da fascinação pela instituição do *complexo do semelhante*. É desta maneira que também podemos entender a sugestão de Freud de que o fenômeno da *sugestionabilidade* não é suscetível de redução (1921, p. 85), fato básico nos humanos, que se encontra também no instintivo animal, daí sua irreduzibilidade.

Também poderíamos inferir, através das sugestões apresentadas, acréscimos à compreensão de Freud de que algo da periodicidade rítmica percebida estaria na constituição da série prazer-desprazer (Freud, 1915a; 1920; 1924b; 1940). Poderíamos propor, portanto, uma “periodicidade rítmica específica” de acordo com Freud (1950b, p. 355) na qual propõe que os filtros localizados nos órgãos dos sentidos não somente são barreiras, mas capacitam-se para perceber *energias específicas*.

Em primeiro lugar, note-se aqui a inquestionável afinidade da série prazer-desprazer com a percepção sensorial. Nesta última é evidente a participação das ditas *qualidades* sugestivas da especificidade objetual requerida pelo instinto nos primórdios da organização do eu. É justamente esta percepção específica que atenua o desprendimento do desprazer, constituindo-se na vivência de satisfação. O fato de não ser *qualquer objeto* e sim um específico é de inquestionável valor, como acima foi descrito, para a sobrevivência. É essa a condição necessária *sine qua non* para que a razão humana possa vir a instituir-se sobre o instinto.

Quanto à sugestão de Freud (1950b) de que a percepção sensorial ocorre em zona de relativa indiferença entre o prazer e o desprazer, podemos repensá-la da seguinte maneira. Talvez esta última possa se referir à captação sensorial relativa à razão humana típica do processo secundário que liga a energia de uma forma narcisista sugestiva do registro do simbólico, a representação da palavra. Já a percepção inicial que envolve a captação de uma *Gestalt* específica, seja esta última qual for, sugere uma coincidência entre a série prazer-desprazer e a sensorial. Tal percepção do referido como captação instintual está inteiramente associada ao princípio do prazer (fascinação não suscetível de redutibilidade), pois esta é condição *sine qua non* da captação objetual implícita à percepção do mesmo. A

não coincidência, pelo menos parcial, entre a demanda e o oferecido pelo contexto pode desembocar em uma psicose alucinatória incessante que exaure o eu (Freud, 1900). Isto também provoca melhor entendimento do aludido por Freud (1923, p. 40) de que, no início, a identificação e a relação objetal são indiscerníveis. Seriam tais sugestões bastante necessárias à organização do eu real primitivo em conjunto com o eu prazer purificado como Freud propõe em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915a)?

Podemos assim inferir que o Eros de Freud, mais precisamente este composto por *constituíntes e desconstituíntes*, esta pulsão caleidoscópica *Eros-Thánatos*, contém não apenas as pulsões constituíntes (autoconservação e sexuais) e as desconstituíntes (pulsão de morte), mas também a conservação-desconstituição da espécie como o próprio Freud postula (1915a). Essas últimas expressam-se por este *saber prévio originário* (Freud, 1918), o *Instinkt* dos animais. Paradoxalmente, como vimos, segundo os biólogos citados, contêm também a *apoptose*, isto é, a morte celular programada. Penso que é desta maneira que podemos intuir a ação da pulsão de morte que, segundo André Green, se faz observável através da desobjetalização das funções onto e filogenéticas que propiciam a vida psíquica e, por que não, a vida em geral.

Concluo este ensaio no qual procurei estabelecer aproximações conceituais que reduziriam “o abismo excessivo que o orgulho humano de épocas anteriores abriu entre o homem e o animal” (Freud, 1939, p. 96), citação esta também referida na introdução. Longe de pensar que este assunto está esgotado, penso que possa ter sugerido uma perspectiva de investigação algo distante do nosso cotidiano psicanalítico, porém extremamente necessária e vitalizante ao mesmo. □

Abstract

Instinct (*Instinkt*), drive (*Trieb*), object (*Objekt*): reflections

In this paper, I intend to collate concepts such as instinct, drive, and object, with representation, real, imaginary and symbolic, objectivity and subjectivity, ideal of ego and ego ideal. I also correlate such concepts with human and animal experience. For that, I call authors of psychoanalysis such as Sigmund Freud, André Green, David Maldivsky, Jacques Lacan, Melanie Klein, Donald Winnicott, René Spitz, as well as authors on biology and ethology such as Lynn Margulis, Dorion Sagan, Ronald Fletcher, Konrad Lorenz, Niko Tinbergen. From my standpoint, psychoanalysis has not paid attention to concepts and understandings that come from these latter. Therefore, I try to establish a possible connection between psychoanalysis and those authors.

Keywords: instinct, drive, object, animal and human imaginary, ideal of ego, real, imaginary and symbolic registers, biology, ethology.

Resumen

Instinto (*Instinkt*), pulsión (*Trieb*), objeto (*Objekt*): reflexiones

Busco en este trabajo cotejar conceptos como los de instinto, pulsión y objeto con los de representación, real, imaginario y simbólico, objetividad y subjetividad, ideal del yo y yo ideal. Relaciono además tales conceptos con la experiencia humana y animal. Para ello, me valgo de autores del psicoanálisis como Sigmund Freud, André Green, David Maldivsky, Jacques Lacan, Melanie Klein, Donald Winnicott, René Spitz, así como autores de la biología y etología como Lynn Margulis, Dorion, Sagan, Ronald Fletcher, Konrad Lorenz, Niko Tinbergen. Desde mi mirada, el psicoanálisis viene se descuidando de conceptos y comprensiones advenidas de esos últimos autores. Busco, por lo tanto, establecer un posible nexo entre el psicoanálisis y esos.

Palabras clave: instinto, pulsión, objeto, imaginario animal y humano, ideal del yo, registro del real, imaginario y simbólico, biología, etología.

Referências

- Bion, W. (1962). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Falcão, L. (2012). A pulsão de morte na dinâmica transferencial. *Revista de psicanálise da SPPA*, 19(1): 123-53.
- Fletcher, R. (1972). *El instinto en el hombre*. Buenos Aires: Paidós.
- FREUD, S. (1900). *La interpretación de los sueños*. In *Obras completas* (Vol. 5), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1905). *Tres ensayos de la teoría sexual*. In *Obras completas* (Vol.7), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, p. 63-77), Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1912-13). Tótem y tabu. In *Obras completas* (Vol. 13), Buenos Aires, Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1915a). Pulsões e destinos da pulsão. In *Obras psicológicas completas de Sigmund*

- Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 133-173), Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1915b). O inconsciente. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2, pp. 13-74), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1917). Suplementos metapsicológicos à teoria dos sonhos. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2, pp. 75-98), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1918). De la historia de una neurosis infantil. In *Obras completas* (Vol. 17), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1919). Lo ominoso. In *Obras completas* (Vol. 17), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1920). Além do princípio de prazer. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2, pp. 123-198), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. In *Obras completas* (Vol. 18), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1923). O eu e o id e outros trabalhos (1923-1925). In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, p. 13-92), Rio de Janeiro: ESPN; Imago, 2007.
- Freud, S. (1924a). Neurose e psicose. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, pp. 93-102), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1924b). O problema econômico do masoquismo. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, pp.103-124), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1925). A negativa. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3, pp. 145-157), Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1926). Inibición, síntoma y angustia. In *Obras completas* (Vol. 20), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1930). El malestar en la cultura. In *Obras completas* (Vol. 21), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1939). Moisés y la religión monoteísta. In *Obras completas* (Vol. 23), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1940 [1938]). Esquema del psicoanálisis. In *Obras completas* (Vol. 23), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1950a [1896]). Carta 52 a Fliess. In *Obras completas* (Vol. 1), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Freud, S. (1950b [1895]). Proyecto de psicología. In *Obras completas* (Vol. 1), Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- Green, A. (1983). *Narcisismo de vida e narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

- Green, A. (1984). Pulsión de muerte, narcisismo negativo y función deobjetalizante. In *La pulsión de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- Green, A. (2005). O intrapsíquico e o intersubjetivo: pulsões e/ou relações de objeto. *Revista de psicanálise da SPPA*, 12(1): 51-83.
- Klein, M. (1957). Envidia y gratitud. In *Obras completas* (Vol. 6), Buenos Aires: Paidós, 1976.
- Lacan, J. (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. In *Escritos* (pp. 96-103), Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1953-54). *O seminário: escritos técnicos de Freud*. In *O seminário, livro 1*, Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- Lorenz, K. (1952). *King Solomon's Ring*. In Ronald Fletcher, *El instinto en el hombre*, Buenos Aires: Paidós, 1972.
- Machado, R. (2011). Inibição, sintoma e angústia: enlaces com outras ciências. *Revista de psicanálise da SPPA*, 18(3): 581-610.
- Machado, R. (2012). Recalcamento e filogênese: sobre a saga do Conde Drácula. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19(3): 519-542.
- Maldavsky, D. (1986). *Estructuras narcisistas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- Maldavsky, D. (1997). *Sobre las ciencias de la subjetividad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.
- Margulis, L. & Sagan, D. (1998). *O que é sexo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- Niederland, W. (1974). *O caso Schreber*. Rio de Janeiro: Campus, 1981.
- Spitz, R. (1965). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- Tinbergen, N. (1951). *The study of instinct*. In Ronald Fletcher, *El instinto en el hombre*. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- Winnicott, D. (1953). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 26/02/2013

Aceito em 15/05/2013

Revisão técnica de **Denise do Prado Bystronski**

Roaldo Naumann Machado

Praça Dom Feliciano, 78/705

90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: roaldomachado@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

